



**TRABALHO DE CONCLUSÃO DO
CURSO DE MEDICINA DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO
CARLOS**

**NARRATIVA CRÍTICO-REFLEXIVA SOBRE A VIVÊNCIA
COMO ESTUDANTE DO CURSO DE MEDICINA DA UFSCar**

ÉDER JOSÉ FRANCO

RA: 604267

DOCENTE ORIENTADOR: Prof. Dr. Bernardino Souto

São Carlos 2020

Dedicatória e agradecimentos:

Agradeço primeiramente à minha família pelo suporte e apoio à minha formação. Muito do que sou hoje é influência diretamente deles.

Agradeço imensamente aos meus colegas de turma, que entre os estágios, estudos e diversões, fizeram esta caminhada mais leve e descontraída.

Agradeço aos meus professores, preceptores e funcionários de todas as autarquias, por quais passei, pelo apoio, inspiração e modelo a ser seguido ou não.

Agradeço a cada pedra encontrada no caminho já que, sem elas, talvez não teria cursado medicina.

E finalmente, agradeço a Deus e as demais autoridades espirituais pela oportunidade e apoio a esta jornada.

O texto deste trabalho será apresentado como uma narrativa crítica reflexiva, do curso de medicina, apresentando a opinião pessoal de seu autor, construída ao longo de sua trajetória na Universidade Federal de São Carlos.

Tem-se por objetivo a apropriação da reflexão realizada e o compartilhamento deste processo, para avaliação e parecer relativo à obtenção do diploma médico.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO PBL E O CURSO DE MEDICINA DA UFSCAR

A aprendizagem baseada em problemas (PBL) é uma proposta pedagógica que começou a ser desenvolvida no final da década de 60 na McMaster University (Canadá). Ela é centrada no aluno e espera que o mesmo aprenda por si próprio. Suas características essenciais são: a organização temática em torno de problemas, a integração interdisciplinar com componentes teóricos e práticos e a ênfase no desenvolvimento cognitivo. O método rompe com a cultura de aprendizado na qual o professor passa os conhecimentos e o aluno restringe-se a recebê-los sem nenhum esforço maior de elaboração do pensamento (1).

A proposta pedagógica da PBL baseia-se no estudo de problemas propostos com a finalidade de fazer com que o aluno estude determinados conteúdos.

Infelizmente, acostumados a “receber” passivamente as informações, os alunos quando em situação que exige maior atividade, trabalho e esforço, mostram-se resistentes ao novo método. Além disso, em razão do hábito no ensino tradicional, alguns professores apresentam certa relutância na aplicação do método, principalmente pelo custo demandado na elaboração dos textos dos problemas, visto que, isto requer certa dose de criatividade. Além disso, a condução das discussões no grupo tutorial também se apresenta como um elemento que requer esforço e treino por parte dos professores (1).

Um dos pontos importantes a se destacar no PBL é o de despertar no aluno a sua autonomia como ser pensante. Esta autonomia de pensamento contribui para a carreira profissional e contribui para a formação do indivíduo como um ser social e político, agente de seu meio e não mais paciente.

Baseado no PBL e nas diretrizes curriculares nacionais, em que no seu artigo 29 – II, diz que: a organização do Curso de Graduação em Medicina deverá utilizar metodologias que privilegiem a participação ativa do aluno na construção do conhecimento e na integração entre os conteúdos.

O curso de medicina da UFSCar está estruturado em três ciclos educacionais a saber: Integralidade do Cuidado I (primeiro e segundo anos letivos); Integralidade do Cuidado II (terceiro e quarto anos letivos); Integralidade do Cuidado III (quinto e sexto anos letivos) (3).

Os ciclos I e II deveriam usar unicamente metodologias ativas de aprendizagem construtivista, segundo um currículo orientado por competências e integrado, ou seja, que articula teoria e prática, instituições formadoras e serviços, diferentes áreas de conhecimento e aspectos biopsicossociais, em um processo de formação flexível e multiprofissional, capaz de levar em conta as necessidades do aprendizado e os problemas da realidade.

As atividades curriculares dos ciclos I e II organizam-se em; Situações-Problema - ênfase na construção do conhecimento, em pequenos grupos de 8 a 10 estudantes; Estações de Simulação da Prática Profissional - realizadas na Unidade de Simulação em Saúde, tem ênfase na aplicação do conhecimento e construção de habilidades, de modo a preparar o estudante para a prática profissional; Prática Profissional - 100% realizada na rede de Atenção Básica da Secretaria Municipal de Saúde, com atividades de reflexão da prática que podem ocorrer no departamento de medicina da UFSCar (3).

Na minha humilde opinião, a medicina da UFSCar não aplica esse método na sua essência. Muitas atividades e muitos professores não o seguem e quando o fazem, distorcem suas características. Isso acaba confundindo o aluno que, muitas vezes, já tem uma certa dificuldade e o pior é que, tem professor que acha que a culpa do fracasso é do aluno.

Também é sabido que tem professor que seque o método por obrigação, isso pode desmotivar o aluno e o próprio professor. No entanto, não posso deixar de reconhecer que no nosso curso têm professores comprometidos com o método e que acabam compensando as falhas dos outros.

Em relação ao perfil do formando egresso do curso de medicina, segundo as diretrizes curriculares nacionais no seu Artigo 3º, o médico deve ter uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva. Capacitado a atuar, pautado em princípios éticos, no processo de saúde-doença em seus diferentes níveis de atenção, com ações de promoção, prevenção, recuperação e reabilitação à saúde, na perspectiva da integralidade da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania como promotor da saúde integral do ser humano, acredito poder afirmar que o curso cumpre esse quesito em sua totalidade (2).

No mais, em eu artigo 4º, das diretrizes curriculares nacionais, a formação do profissional de medicina desdobra-se nas seguintes áreas: Atenção à Saúde, Gestão em Saúde e Educação em Saúde. Acredito que os egressos da medicina da UFSCar deixam a desejar na

área de gestão em saúde, pelo menos, a minha turma teve uma imersão muito superficial, praticamente nada, na área da gestão (2).

Isso é uma pena, pois, perde-se a oportunidade de incentivar os futuros médicos a atuarem ou mesmo a ter uma visão mais crítica de uma área fundamental para o sistema de saúde brasileiro.

PRIMEIRO ANO

Antes de entrar nos detalhes do curso preciso gastar algumas linhas para refletir o motivo que levou uma pessoa de 44 anos a voltar para a faculdade. Bem, a história é longa, mas podemos resumir o fato. Em 2008, sofri um acidente muito sério com meu automóvel, onde fracturei a cervical e a lombar. Com isso, fiquei alguns meses numa cadeira de rodas e afastado das atividades profissionais por seis anos. Na época, era professor de química do ensino médio. Não quis aposentar por invalidez nem ser readaptado e tentei várias vezes voltar para sala de aula. Entre essas tentativas, estudava em casa para recuperar as atividades intelectuais de outrora. Na última vez que voltei para as atividades profissionais, percebi que não era mais o mesmo, não tinha motivação nem condições físicas para continuar lecionando, assim, precisava dar um novo rumo à minha vida. Então, decidi estudar para o ENEM e tentar cursar engenharia ambiental. Quando percebi que minha nota era boa e meu intelecto ganhava eficiência, percebi que poderia ir mais longe, então, dediquei um ano inteiro para os estudos, afim de, alcançar um sonho muito, muito antigo que tinha ficado no passado, ser médico.

Por fim, em 2014 minha nota era o suficiente para entrar no curso, escolhi a UFSCar por ser a mais próxima da minha cidade. Talvez esse tenha sido o meu primeiro erro, não me importar em qual faculdade cursar, só pensava em conseguir uma vaga onde meus gastos financeiros fossem o mínimo possível. Por sorte, tive direito à bolsa permanência o que me incentivou a começar o curso, aliás, se não fosse ela nem teria começado. Este é um dos muitos exemplos da importância das ações governamentais voltadas à inclusão social, há muito esquecida.

Quando cheguei aqui, isso foi na terceira chamada, o curso ainda não havia começado, tive alguns dias para me estabelecer na cidade, estava muito motivado e, para mim, era uma questão de honra superar todas as dificuldades que estavam por vir. Sabia muito bem o que iria enfrentar e todas as limitações que carregava comigo, mas tudo isso, só servia para

alimentar a minha vontade de crescer. Se tivesse que escolher uma palavra para definir tudo isso seria: Determinação.

Finalmente chegou o grande dia, a primeira aula, uma reunião no anfiteatro do DMEd com os professores da ES, em que foi explicado o modelo do curso, pelo menos tentado. Na realidade, naquele momento, o que menos queria saber era sobre o método de ensino, suas vantagens e desvantagens, se seria melhor ou pior que o método tradicional, etc. Nesta fase do curso, isso não importava muito, pois o que me preocupava eram as minhas limitações físicas. Lembro que saí muito empolgado da apresentação e com muitas amizades feitas.

Com o passar dos dias fui percebendo que deveria dar mais importância à metodologia do curso, pois as dificuldades não demoraram a aparecer. Além disso, os encontros na SP me mostraram outras dificuldades a superar, o preconceito dos colegas. Somado a isso, minha falta de confiança em mim mesmo foram a maior batalha a ser vencida neste primeiro ano, superando até mesmo a minha desconfiança em relação à limitação física.

Na ES e na RP, não tive dificuldades, na contra mão da maioria dos colegas, tive uma boa relação com os professores, não sofri preconceitos por parte deles e posso dizer que até tive admiração de alguns. Na USF da Cidade Aracy toda a equipe me admirava e seus integrantes diziam que eu era um exemplo a ser seguido. Também não tive nenhuma dificuldade com as famílias e pacientes que seguia, pois a minha experiência como professor ajudou muito a entender as suas necessidades de saúde, condição de vida e a moldar um relacionamento harmônico. Não tinha muita motivação para cumprir as minhas tarefas, como a maioria dos meus colegas, pois nós não achávamos muito sentido em gastar tanto tempo em visitas domiciliares e discussões em grupos, que eram cansativas e improdutivas. Mas segui firme no meu propósito de ter um desempenho satisfatório, pois mesmo sem entender para que serviria tudo aquilo, sabia que, de alguma maneira, iria ser útil para a minha formação. E assim, consegui, com muita tranquilidade, cumprir todas as obrigações e ser aprovado na RP. Continuava sem saber para que serviria tudo aquilo, mas, estava aprovado e isso é o que interessava naquele momento.

Na ES, nesse primeiro ano, foi tudo muito tranquilo, tanto as práticas como as discussões nos pequenos grupos. Tinha muitas dificuldades em estudar, mas a vontade de vencer era tão grande que superava os obstáculos e no final do ano fui aprovado sem dificuldades.

Agora, na SP, foi um ano terrível, o preconceito de alguns dos colegas, somada à necessidade de quererem mostrar que são os mais inteligentes e capacitados, coisas com que não posso ser condizente, além de tumultuar o referido ano perdurou nos anos seguintes. No

entanto, tenho que admitir que, tudo isso serviu para o meu crescimento e aprendizado, em como relacionar e trabalhar em grupo, coisas que o projeto pedagógico do curso enfatiza muito. Esqueci até mesmo da minha limitação física.

Não tenho o que reclamar com relação aos professores e preceptores deste primeiro ano. Todos tiveram uma postura coerente relativa ao primeiro ano, com certo grau de paternalismo, necessário para o acolhimento, adaptação e desenvolver nos alunos a filosofia do aprender a aprender, muito importante para o método de ensino do curso, além do compromisso de manter a estrutura de ensino moldado no PBL. Talvez foi o ano que mais os professores respeitaram o tal método (3).

Felizmente, desde o início do curso, tive motivação para participar das ligas, cursos extracurriculares e congressos, queria estar presente em todos os eventos da cidade.

Acredito que a fase mais difícil foi o falecimento do meu pai em novembro. Estava nos últimos dias de aula e não chegou atrapalhar o ano, pois estava bem de notas, mas, o próximo ano, confesso que foi difícil sem ele. Meu pai queria que eu me tornasse médico para cuidar dele, infelizmente não houve tempo para isso.

Segundo ano

Passada a empolgação inicial, com uma visão mais realista da medicina UFSCar, começamos o segundo ano. Agora, já adaptado à cidade e ao método, bem, não vamos exagerar, na realidade, acho que até agora ainda não sei estudar pelo método PBL, mas a partir do segundo ano, pelo menos já tinha uma maior noção sobre o método e as diferenças entre ele e o tradicional.

O ano foi tranquilo, a não ser, como citado anteriormente, pela falta do meu pai. De qualquer modo, minha vontade de vencer era grande, dediquei toda a minha energia para o curso, fui muito atuante, nas ligas, congressos, cursos, etc. Para minha sorte, fui convidado pela professora Maristela a participar da monitoria na saúde da mulher, acompanhando os internos do sexto ano, na UBS de Santa Felícia. Isso foi muito importante, pois recebia cento e oitenta reais por mês, dando uma relativa tranquilidade financeira. Em relação ao aprendizado foi ótimo, pois, além de aprender muito, pude perceber o meu real potencial. Assim, minha motivação sempre se manteve em um bom nível, fazendo com que a minha limitação física ficasse em segundo plano, com essa tranquilidade, tive um ótimo desempenho acadêmico e para minha surpresa, essa monitoria iria propiciar, num futuro próximo, uma iniciação científica com a mesma professora. Isso tudo me colocava em sintonia com o

projeto pedagógico do curso, já que, o mesmo deixa bem claro a importância em relacionar ensino, pesquisa e extensão (3.)

Já na ES, não tive dificuldades nesse ano, sempre tendo que me esforçar muito para compensar minhas limitações, mas tudo com muito prazer. O pequeno grupo funcionou bem, não tive nenhuma dificuldade com os colegas nem com os estudos. O facilitador pegou muito no meu pé, mas em nenhum momento com intenção de humilhar e sim, eliminar alguns vícios.

Na RP, continuava rendendo bem, com bom entrosamento com os colegas de grupo, sendo respeitado e tratado muito bem por toda a equipe da USF. Em relação ao facilitador, não tive dificuldades em entender o que ele queria. No entanto, achava tudo muito chato e algumas coisas continuavam sem sentido, contudo, o que mais importava no momento era ter um bom desempenho acadêmico e cada vez que pensava no meu pai, conseguia mais motivação para estudar, pois toda a ajuda que ele me deu não poderia ser em vão.

Finalmente, a SP, novamente não dei sorte com o pequeno grupo. Continuei a sofrer preconceito de alguns colegas, da minha parte, fazia de tudo para manter um bom convívio e não entrar na briga para ver quem era o melhor aluno da turma, procurava participar de tudo, independentemente de qual colega que estaria junto. Novamente, procurei não dar valor a isso e sim, continuar a valorizar cada dificuldade superada, do presente ou do passado.

Nesse ano, o professor percebeu a atitude do grupo e soube conduzir os encontros nos moldes do projeto pedagógico. É nítido a diferença de postura de alguns alunos de medicina em relação aos outros cursos, eles são prepotentes, se acham diferenciados e pensam que o mundo gira em torno deles. Minha maior curiosidade era ver se esta atitude perdurava por todo o curso e até que ponto, a formação oferecida pela UFSCar influenciaria. Fiz uma promessa para mim mesmo, não fazer parte deste grupo de alunos e sim, dar exemplo de como o aluno de medicina deveria, no meu ponto de vista, se comportar. Posso dizer, neste momento que escrevo, que à medida que os anos passam, o curso vai moldando os alunos e assim, muitos mudam completamente suas atitudes, porém, outros não, não tenho como quantificar essas mudanças, mas com certeza a maioria dos alunos são influenciados de forma positiva durante o curso.

Em relação aos estudos, tinha muita dificuldade para lidar com tantas informações, não conseguia fazer resumos de um bom nível, o que me atrapalhava na hora da discussão. Mas, estudava muito e isso contribuiu para compensar as deficiências e por fim, foi um ótimo ano.

Terceiro ano

Passado a pressão do segundo ano, iniciamos o terceiro ano com mais tranquilidade, porém, mal sabíamos o que estava por vir. Esse ano foi muito chato em todos os sentidos. No início, não tínhamos unidades para a prática profissional saúde do idoso, meu grupo foi alocado em uma UBS que não queria alunos por lá, UBS Faga. Foi o ano inteiro de conflitos, convivendo com pessoas que nitidamente não queriam a gente lá. A professora mandou vários ofícios reclamando da situação para os superiores e, simplesmente, não foi possível fazer qualquer mudança. Definitivamente, foi um ano perdido em relação à saúde do adulto e idoso. O mais absurdo de tudo é que, a gente não teve nenhuma compensação no sentido de mitigar o conhecimento não adquirido, na época, não tinha noção da falta que me faria tudo isso.

Aproveitando a deixa, esse é um dos exemplos de muitos, que presenciei em que acabam punindo o aluno em um futuro próximo injustamente já que, o curso não oferece oportunidade para o aluno se recuperar da defasagem do aprendizado, que na maioria das vezes, não foi culpa dele.

Na ES, os professores foram muitos duros, mas, acredito que isso faça parte da estratégia da formação do médico, eu em particular, não tive problemas em entender o que eles pretendiam e fiquei firme nos meus estudos. No entanto, acredito que os professores poderiam se dedicar um pouco mais e dar algo a mais para os alunos, como por exemplo, colocar em prática a tal consultoria, que existe só no plano pedagógico do curso e olha, a turma insistiu bastante para ter consultoria, sem sucesso obviamente (3).

Como não poderia ser diferente, a SP também foi muito chata. Os estudos foram truncados, não fluíram como os anteriores. Já não me importava mais com as atitudes de certos colegas, com isso, consegui aprimorar um pouco mais os meus estudos. No entanto, nesse ano as coisas não rendiam, gastava muito tempo para pouco aproveitamento, não sei o porquê disso, mas quanto mais estudava, mais me atrapalhava, talvez pelo excesso de informações que tínhamos de digerir, pois eram muitos alunos na mesma situação, então, não deveria ser só a incapacidade minha o problema. Outra coisa estranha era a maneira da avaliação, uma única prova por semestre, diziam que tinha que ser assim pois o plano pedagógico era esse.

Já na saúde da família, o grupo estava muito unido e entrosado. A equipe da unidade USF Presidente Color continuava a nos apoiar, no fundo, já estávamos enjoados de tudo aquilo, não conseguíamos ver a importância de tanto tempo gasto para tão pouco aprendizado. Mas, sabia que tinha que passar por isso e novamente minha dedicação foi ótimo.

Neste ano, comecei a minha iniciação científica na área da saúde da mulher com a professora Maristela Carbol. Agora a bolsa era maior, quatrocentos reais, trazendo uma enorme tranquilidade financeira. Estava muito motivado, aprendi muito e tive o privilégio da aceitação da revista de Medicina de Família e comunidade para publicação do meu artigo científico.

Como eu disse, só de estar cursando medicina já era uma enorme façanha pra mim e vendo tudo isso sendo agregado só tinha a agradecer, não tinha espaço para reclamação e as dificuldades que apareciam eram simplesmente mais um detalhe. Tenho certeza que isso não faz sentido para muita gente, principalmente para alguns professores e preceptores que não valorizam as particularidades e a realidade de cada aluno, colocando todo mundo na mesma caixinha, esperando que todos tenham a mesma performance e produzam os mesmos frutos. Com isso, vão em sentido oposto do que prega o projeto pedagógico do curso, onde fica claro a importância de partir do que o aluno traz de bagagem (3). Confesso que não estou nem aí para isso, sempre tive essa visão e não vai ser agora que vou mudar e nem quero, vou sim, continuar valorizando as mínimas coisas que são agregadas a cada dia, como dizia o poeta: pedras no caminho guardo todas, um dia construirei um castelo.

Quarto ano

Após um terceiro ano muito chato, finalmente chega o quarto ano e último antes do internato, mera ilusão. No início do ano, todos os alunos estavam motivados, afinal, será a última fase antes do tão sonhado internato. Eu, em particular, estava relativamente bem, minhas finanças estavam equilibradas, minha limitação física não impedia que fizesse o mínimo do que precisava com uso de poucos remédios. Na USF, só de pensar que era o último ano viajando para Cidade Aracy, não precisava mais nada para motivar os estudos. Facilitador, um dos melhores até agora, sempre disposto e sempre se importando com os alunos, tornava essa viagem mais fácil.

Chegou a hora de fazer o famoso plano terapêutico singular, não nego sua extrema importância, mas, usar o ano inteiro pra desenvolver essa habilidade não me parece produtivo. Eu, e mais noventa e nove por cento dos alunos, concordam que tudo o que foi visto na saúde da família poderiam ter levado somente os dois anos iniciais, e os dois anos restantes, seriam para sanar as possíveis deficiências dos alunos, que obviamente, não são poucas. Mas a realidade é outra, todos os anos os responsáveis ouvem essa reclamação e nada fazem, o curso começou assim e pelo jeito vai morrer assim, deve estar escrito nas estrelas. Da minha parte,

pelo menos, deu para enjoar de ouvir falar do tal PTS e como sempre, a minha parte fiz e fui aprovado sem dificuldades. No fundo, confesso que fiquei emocionado ao despedir da equipe da USF Presidente Collor, afinal, depois de quatro anos juntos eu não poderia ser mais o mesmo, muito aprendi com todos eles e com toda a comunidade.

Na SP, sucesso total, esse ano tive sorte de cair num grupo muito bom, não foi chato como o terceiro ano e com certeza foi um ano muito produtivo. Nesse ano, senti um progresso considerável no modo de estudar, os resumos estavam mais coerentes, minha participação no pequeno grupo estava otimizada. Como esperado, nas avaliações, fui bem.

Na prática profissional da saúde do idoso, em relação ao ano anterior, houve uma melhora, meu grupo teve sorte de cair em unidade de saúde que minimamente respeitavam a gente, destaco a unidade básica de saúde Azulville, muita organizada e funcionários sempre dispostos a ajudar. Assim, tive muita motivação para estudar e durante os atendimentos tive contato com pessoas idosas que precisavam, além de atendimento médico, pessoas com quem pudessem conversar e expor suas angústias. Foi muito marcante esse contato, esses idosos, ensinou-me muito, principalmente em como ser um bom ouvinte.

Finalmente é hora de falar sobre a ES. Não posso deixar de reconhecer que nesse ano, não desmerecendo os anteriores, foi o melhor de todos. Sem dúvida, Alunos motivados e comprometidos e em nenhum momento fui tratado com desprezo, intimidação ou qualquer preconceito tanto por parte dos colegas como dos professores. Aliás, tenho que reconhecer que os professores da ES foram os mais equilibrados emocionalmente que pude presenciar em todo o curso. Eles conseguiram conduzir todo o quarto ano com muita destreza, motivando e respeitando as particularidades dos alunos, como refere o projeto pedagógico do curso. Foi impressionante como as estações de simulação ajudaram os alunos, tanto na motivação como induzindo qualidade na sua formação.

Infelizmente, a minha vida particular estava muito complicada, não estava conseguindo acompanhar meus colegas e entender o que os professores queriam. Como resultado, fui reprovado e tive que refazer todo o quarto ano. Com isso, minha situação financeira passou a fazer parte das noites mal dormidas. No entanto, por ter tido os melhores professores, os mais equilibrados e comprometidos com os alunos, as melhores estações de simulações, que em nenhum momento mexeu com o emocional dos alunos negativamente, avaliações coerentes, com o projeto pedagógico orientado. Além disso, todos os professores da ES desse ano, sem exceções, deram muitas oportunidades e tranquilidade para os alunos se recuperarem da defasagem, nenhum colega se sentiu injustiçado, com isso tudo, minha reprovação foi justa.

Não tive dificuldades em adaptar na minha nova turma, praticamente não conhecia ninguém, já que, não vou em festas, mas isso não foi problema. Outro ponto que não posso deixar de reconhecer é o fato de que, com a reprovação, percebi que tinha negligenciado um dos pontos que mais me preocupava no curso, minha limitação física. Resolvi cuidar do físico durante todo o quarto ano. Frequentei academia e aos poucos fui deixando de usar certos medicamentos, perdi peso, minha autoestima aumentou e ganhei uma enorme resistência física. No final do novo quarto ano, minha atuação nas avaliações foram excelentes e estava novamente motivado para seguir em frente.

Estava pronto para o tão sonhado internato e fui convidado para entrar em um dos grupos, aliás, convidado para entrar em 3 grupos. Tive que optar por um, felizmente, não me arrependi da escolha. Infelizmente, a turma perdeu um colega de classe já no recesso. Foram momentos de profunda tristeza, ainda mais da forma que ocorreu, mais um exemplo do descaso do curso com os seus alunos, os professores e dirigentes, não tem ideia do que ocorre com seus alunos, não os conhece, muito menos reconhecem quando algo não está bem, a impressão que dá é de que somos conhecidos somente pelo nosso número de registro acadêmico. Como disse, o projeto pedagógico parece ser maravilhoso, mas não é empregado na prática. No entanto, o jogo tem que continuar e a turma seguiu em frente, mas confesso que, fico a me perguntar: o que mais tem que acontecer para propiciar as mudanças necessárias?.

Não posso deixar de citar que, durante o quarto ano, tive a oportunidade de participar do projeto de extensão Reiki na USE. Todas as semanas eu aplicava Reiki em pacientes. Foi uma oportunidade impar para ganhar experiência e contribuir para a disseminação das práticas integrativas e complementares no SUS, aliando ainda mais a minha formação com o projeto pedagógico do curso (3).

Quinto ano

Ainda com muita tristeza no coração, começamos o tão sonhado internato. Foi um momento de alegria, mas também de muita angustia, pois, tudo era um mistério para a maioria de nós. O que mais me animava, era minha condição física, nunca estive tão bem, mas mesmo assim, a dúvida persistia, será que vou conseguir acompanhar meus colegas? Será que vou conseguir ficar um dia todo trabalhando? Será que vou aguentar ficar horas em pé? Não me preocupava com a quantidade de assuntos para estudar, com a relação com os pacientes e muito menos com os professores e preceptores. Um único fantasma me assombrava, minha

limitação física. Durante as férias tinha cuidado muito do físico, aparentemente estava bem, mas isso não era suficiente para me tranquilizar, percebia que estava muito preocupado com isso e confesso que atrapalhou muito em manter um bom foco nos estudos. Com o passar dos meses, fui adquirindo confiança e consegui frequentar regularmente a academia. Da metade do ano em diante, percebi que minha limitação física estava totalmente adaptada à rotina, isso me trouxe mais tranquilidade e comecei a focar mais nos estudos. Minha eficiência aumentou consideravelmente e os dois últimos estágios foram extremamente produtivos, não estava acreditando em meu desempenho.

O primeiro estágio do nosso grupo foi na cirurgia. Não conhecíamos nada da área, eu em particular, como já disse, só pensava no meu físico, os dias foram passando e as coisas fluindo naturalmente, quando menos esperava, estava fazendo suturas. Na realidade, tudo foi muito divertido, já que, o grupo não tinha o perfil de cirurgião e procurávamos achar graça em tudo. As sete semanas passaram rápidas, não tive nenhum trauma psicológico e fui muito bem.

Próxima etapa foi na Clínica, aí as coisas mudaram, é nessas horas que a gente percebe a influência dos professores e preceptores na nossa formação e confesso que eles ajudaram muito. Diferente da cirurgia, onde os envolvidos ensinavam e ao mesmo tempo passavam tranquilidade e confiança, na clínica, eles queriam que a gente já soubesse o manejo dos pacientes e a fisiopatologia. Sei que isso faz parte da nossa formação. O que mais me animava era saber da capacidade dos professores. Além disso, todos eles são humanos, entendem as dificuldades dos alunos e são extremamente didáticos. Em nenhum momento, teve professor que queria mostrar sua fantástica capacidade intelectual, ou como se diz, ridicularizando os alunos.

O projeto pedagógico do curso e o método PBL enfatizam a importância em aproveitar o que o aluno traz de bagagem, levando-o progressivamente a rever os seus conceitos (3). Assim, penso que o aluno precisa ter tranquilidade e confiança para fazer essa ponte e isso a gente teve até demais.

No entanto, pensava que finalmente tinha chegado a hora de fazer muitos procedimentos, mera ilusão, o pouco que tinha, era os residentes que faziam, e a gente continuava só a observar, que decepção.

Enfim, como não podia ser diferente, concluí o estágio desmotivado e decepcionado e ganhei um precisa melhorar. Acredito que tenha sido justo esse conceito, já que, não consegui me adaptar e entender o que era esperado de mim.

Apesar de tudo, o contato com o perfil de doentes foi muito importante. De fato, essa convivência despertou em mim sentimentos antigos, principalmente, das últimas semanas de vida do meu pai. Confesso que tive dificuldades em lidar com isso e muitas vezes me pequei evitando um contato mais íntimo com esses pacientes e seus familiares. Sinto que ainda tenho que trabalhar esses sentimentos.

O próximo estágio foi na saúde da família, que alegria. Todos nós do grupo já havíamos ouvido falar do tal estágio, mas viver realmente a experiência foi crucial para entender tais afirmações dos egressos. A impressão que dá é que este estágio nada mais é da extensão do que vem sendo a saúde da família e comunidade dos anos anteriores, uma terra de ninguém, onde prevalece a arrogância de certos professores, donos da verdade, um querendo ser mais que outro, sem nunca chegar a um acordo. Mas para minha surpresa nada disso se confirmou.

O que encontrei foram professores comprometidos com o método pedagógico do curso, dispostos a entender o que se passa com cada aluno, sempre presente, seja na unidade de saúde ou no departamento de medicina. Impressionante a vontade deles de acompanhar as consultas e visitas domiciliares, ajudando o aluno com o exame físico e com isso contribuindo para sanar suas deficiências.

Em relação à organização do estágio, posso dizer que foi o mais organizado de todo internato, cada aluno sabia o que fazer, como fazer e o que os professores esperavam deles. Assim, ficou fácil à turma se motivar e as 14 semanas passaram rápidas, dando a impressão que foram somente 7 semanas.

Não posso deixar de mencionar a saúde mental, nunca tive contato tão próximo com pacientes da saúde mental como nesse estágio. A saúde mental foi organizada, respeitosa com as particularidades dos alunos e sempre levavam em conta as opiniões dos alunos.

Em relação à minha convivência na unidade de saúde do Tortorelle, posso afirmar que foi excelente, tanto em relação aos profissionais como dos pacientes. Fiz muita amizade com ambos. Quero destacar a vontade desses profissionais em ensinar o que eles sabiam, dividindo os conhecimentos e as angústias do dia a dia. Também devo mencionar minha contribuição no evento chamado dia da saúde, onde apliquei durante todo o dia REIKI. Esse estágio foi sensacional, tudo perfeito, com isso, me inspirou fazer residência na saúde da família e quem sabe um dia ser um preceptor.

Agora a parte ruim, se bem que não acho que não considero isso tão ruim assim, no final do estágio fiquei com o conceito insatisfatório. Vindo de professores tão competentes e de um estágio super organizado, onde tudo correu com muita harmonia, só me resta respeitar e

empenhar para seguir os conselhos desses renomados professores, e quem sabe, poder sanar as minhas deficiências.

De qualquer forma, o projeto pedagógico do curso enfatiza a importância da espiral para potencializar a formação do aluno, ou seja, o aluno deve voltar a treinar as competências em um nível de dificuldade maior (3).

Vale a pena comentar que segundo as diretrizes curriculares nacionais do curso de medicina, uma das áreas de conhecimento é a gestão em saúde (2). Acredito que poderia ser aproveitado este estágio para a contemplação dessa área, uma vez que, são 14 semanas de estágio e daria tranquilamente para o aluno ter a oportunidade de conhecer como São Carlos estrutura a gestão em saúde.

Assim, saí desse estágio muito motivado a trabalhar minhas eficiências e isso se deve aos professores que souberam conduzir com tanta competência este estágio.

Com isso, entrei no estágio da saúde da mulher muito preparado, tanto fisicamente como emocionalmente, não tive dificuldades, tudo fluía, não havia divergência entre professores, preceptores e alunos, estágio organizado e respeitoso, em todos os sentidos com os alunos. Modéstia à parte, acho que fui o melhor aluno do grupo, tinha motivação para superar minhas limitações físicas e técnicas. Sei que não é justo fazer comparações, mas com isto em mente, pergunto, como é que esses professores conseguem ensinar, cobrar, organizar, colher resultados positivos e, acima de tudo, respeitar e reconhecer cada particularidade dos alunos, estando sobre as regras do mesmo plano pedagógico da faculdade, ganhando o mesmo salário, e outros professores não chegam nem à metade de tudo isso?

Bem, sucesso total nesse estágio, chegou a hora dos pequeninos. Sempre tive medo de crianças, mas fiquei surpreso com a naturalidade que lidei com os pacientes da pediatria. Comecei bem e acabei melhor ainda essa fase, cansado sim, mas contente, afinal, também estava acabando o quinto ano.

A única dificuldade desse estágio foi o excesso de horas trabalhadas, é de conhecimento geral que o interno é usado como mão de obra na maternidade, isso já é fato. Não vou me estender nisso, só sei que novamente, tentei tirar proveito dos pontos positivos de tudo isso e, modéstia à parte, fui um aluno exemplar. Pelo fato da carga horária estar muito acima do permitido pela legislação, não foi possível dedicar aos estudos, ou o aluno está trabalhando ou está dormindo, assim, não dá para cobrar do aluno algo que não foi dado chance para ele estudar, então, o modelo de avaliação empregado foi coerente. Tirando o excesso de plantões na maternidade, o curso foi bom, minha participação nas aulas e oficinas foi compatível à dos

outros alunos, como disse, gostaria de ter estudado mais, mas o modelo de estágio não permite, fiquei triste por isso e com muitas pendências para estudar.

O projeto pedagógico do curso destaca a importância da inserção do aluno nos estágios, mas ele não fala de carga horária, assim, penso que os professores deviam olhar para isso com mais carinho e encontrar um ponto de equilíbrio entre a prática e a teoria (3).

No balanço total do quinto ano, fico feliz pelo meu desempenho, por minha capacidade para lidar com minha deficiência física e por minha motivação em fazer um ótimo sexto ano.

Sexto ano

Passado a empolgação do início do internato, chegamos ao último ano do curso. Novamente aproveitei bastante as férias para melhorar minha condição física, que ainda considero o meu ponto fraco. Como orientado pelos professores do estágio em clínica médica do quinto ano, fiz minha eletiva na área de clínica médica no HU da UFSCar. Considero que o estágio foi muito proveitoso, ajudou a diminuir minhas deficiências, principalmente no tocante ao exame físico, pois tive a oportunidade de treinar bastante em casos complicados e o mais legal, finalmente consegui fazer alguns procedimentos como, sutura e paracentese, fiz mais procedimentos nessa eletiva do que o estágio inteiro de clínica médica do quinto ano, acredite se quiser.

Nosso grupo começou com o estágio na clínica cirúrgica, para o desespero do grupo uma vez que, cirurgia não é nossa praia. Das 7 semanas, concluímos 4 já que, tinha uma pedra no caminho e o nome dela é pandemia do COVID 19. As coisas estavam indo bem, a não ser na parte da enfermaria. Muitos pacientes, residente sobrecarregado e chefes que pareciam não ver o que estava acontecendo. Nem todos do meu grupo passaram na enfermaria, no entanto, eu tive o desprazer de estar lá. Fui o primeiro a começar lá, era obrigado a cuidar de 4 a 8 pacientes em um único dia. Os pacientes eram divididos em números iguais entre os internos e o residente. Tinha dia que o chefe marcava a visita às 6:30 e naturalmente, tudo tinha que estar pronto nessa hora. Acho que não preciso dizer da qualidade das evoluções. Foi a primeira vez que pisei numa enfermaria cirúrgica, não consigo entender como tem gente que acredita que o aluno vai aprender algo nessas condições. Não faltei nenhum dia, todas as evoluções estavam prontas independentemente da hora da visita, levei muita bronca, fui humilhado por alguns chefes e mesmo assim, fui até o fim. Aprendi quase nada, mas do que aprendi foi o suficiente para reforçar o que não quero para minha vida. Não fiquei com mágoa de ninguém, mas não posso deixar de admitir a péssima qualidade do estágio uma vez que, fui

o mais prejudicado, além, claro, dos pacientes que devido à sobrecarga do serviço, ficavam sem medicamentos, alimentos e exames. Quando minha dupla saiu da enfermaria, os alunos que foram no nosso lugar não aguentaram o ritmo, chegaram a ficar doentes e reclamaram para o coordenador do estágio. Desse momento em diante, os alunos só têm a obrigação de evoluir 3 pacientes por dia. Será que os meus colegas vão aprender menos do que eu, já que, vão visitar bem menos pacientes? Na minha humilde visão eles vão aprender muito mais e não vão ficar doentes. O projeto pedagógico do nosso curso em momento algum fala que os alunos têm que ficar sobrecarregados para aprender, e vai além, diz que a espiral do aprendizado tem que ocorrer em todos os cenários (3). Portanto, quando o aluno é apresentado pela primeira vez na enfermaria cirúrgica, a espiral do conhecimento tem que agir e para isso, as dificuldades têm que ir crescendo devagar. Que alegria quando saí da enfermaria, tudo estaria perfeito se não fosse por um detalhe, a pandemia. Até então, parecia que a mesma estava longe, mas como num piscar de olhos, as nossas atividades foram suspensas da noite para o dia. Medo, tristeza de não poder voltar para casa, pois minha mãe é do grupo de risco e a possibilidade de não me formar esse ano caíram como uma névoa escura em minha mente. Confesso que fiquei muito deprimido com tudo isso, uma insegurança, algo que nunca tinha sentido, difícil de descrever.

Toda a turma ficou perdida, nenhum professor ou autoridade da UFSCar tentou esclarecer os fatos, ficamos a Deus dará.

Sem poder voltar para casa, dediquei todo meu tempo aos estudos e à atividade física para melhorar minha condição física, tinha engordado 2 Kg e sabia que teria que perdê-los se quisesse estar em condições físicas para suportar a rotina do internato quando voltasse. Tudo ocorreu como planejei, os estudos renderam, apareceram muitos cursos e realizei vários deles, todos excelentes e entrei novamente em condições físicas, a não ser a ansiedade por participar do programa Brasil conta comigo.

Quando fui chamado, fiquei muito contente, não sabia o que iria encontrar pela frente, mas estava determinado em enfrentar mais esse desafio.

Com o passar do tempo, o programa mostrou-se que era organizado, seguro e com bom conteúdo. Devagar fui perdendo o medo e as coisas se tornaram naturais. Fiquei impressionado com a quantidade de conhecimento que ele nos proporcionou. Sinceramente, acho que foi um erro ter interrompido o nosso internato, tanto do quinto como do sexto ano, desde o momento da paralisação eu me perguntava o porquê de ficar em casa enquanto todos os profissionais de saúde estavam na lida já que, a gente seríamos futuros profissionais da saúde. Fui estudar o que o projeto pedagógico do curso falava a respeito. Não achei nada

específico para situações semelhantes, mas ele deixa muito claro à importância da vivência do aluno em todos os cenários da medicina, desde que, esteja com supervisão (3). O próprio ministério da saúde se manifestou contra a paralisação do internato tanto que, instituiu o programa Brasil conta comigo.

Para a sorte dos alunos, muitos professores também eram contra a paralisação e lutaram muito para que o internato voltasse e para viabilizar o programa Brasil conta comigo.

Não posso deixar de mencionar a minha participação no programa testar para cuidar, que além de propiciar conhecimento na área epidemiológica, pude vivenciar na prática como é feita a coleta de dados de uma pesquisa científica. Assim, apesar de toda a calamidade que a pandemia trouxe, acredito que conseguimos tirar algum proveito dela.

Enfim, depois de muito tempo e debate, o retorno do internato foi aprovado. Houve muita mudança nos cenários e a maneira dos rodízios afim de, proporcionar mais segurança para todos. Parte das horas do programa Brasil conta comigo foram aproveitadas. Acredito que poderia ter sido aproveitado muito mais, uma vez que, nesse programa são 40 horas semanais por 4 meses e vamos passar 2 semanas e meia na pediatria e somente as horas da clínica médica foram levadas em conta. Mais uma vez, eu cito o projeto pedagógico do curso de medicina que enfatiza que todos os ciclos devem ter suas atividades baseadas em problemas e deixa clara a necessidade do contato do aluno com a prática médica. Além do que, o ministério da educação lançou uma portaria autorizando o cumprimento de apenas 75% das horas do internato. Não ser mais 15 semanas de internato, como disse, poderia ser menos a fim de aumentar a segurança dos alunos. Fico muito triste de ver somente alguns professores se importando com o aluno e participando ativamente das discussões sobre as mudanças necessárias para a volta do internato, isso só deixa mais clara a falta de união entre os professores, infelizmente um problema crônico deste curso. Segundo o projeto pedagógico do curso, tanto o corpo docente como o discente, devem participar ativamente das questões referente ao curso de medicina (3).

Logo no primeiro dia de internato, fomos convocados para uma reunião, onde a professora coordenadora do sexto ano trouxe a notícia de que os alunos que não participaram do Brasil conta comigo vão colar grau somente em meados de fevereiro. Essa notícia deixou o meu grupo muito triste, uma vez que, temos integrantes nesta situação. Ficamos muito revoltados, pois, se os professores tivessem tido um pouco mais de boa vontade, teria sido possível reorganizar os rodízios de tal forma que todos os alunos pudessem se formar ainda neste ano. O projeto pedagógico do curso de medicina enfatiza que faz parte da formação do aluno a sua participação ativa nas decisões pertinentes sobre sua formação. Infelizmente, o plano para

volta do internato foi feito com a participação de apenas alguns alunos, não sendo debatido com a maioria da turma (3).

Com todos esses problemas, fica difícil ter motivação para continuar o internato, sendo bem sincero, a primeira semana na cirurgia foi desafiadora, de um lado a sensação de estar prestes a se formar, de outro, uma angústia terrível que à primeira vista não teria motivo para estar aqui. Os dias passaram e o grupo não tem a mesma garra de outrora. Se não bastasse tudo isso, a ansiedade das provas de residência que se aproximam, toma conta das nossas horas vagas.

Mas temos que continuar, cada um de nós sabe da sua responsabilidade aqui. Não posso deixar de reconhecer o amadurecimento que o programa Brasil conta comigo nos proporcionou. Agora entendo o que o projeto pedagógico do curso quer dizer sobre a participação política e crítica do aluno (3). Num país polarizado politicamente, é imprescindível que o médico tenha noção das forças ocultas que rondam o setor da saúde. Não posso deixar de reconhecer que o nosso curso de medicina propicia ao aluno vivenciar tudo isso. Estamos acabando o estágio de cirurgia, tudo está fluindo bem, acredito que a pandemia já faça parte de nossas vidas, não traz mais angústias e nem revolta, a gente nem se quer lembra em reclamar dela.

Infelizmente, tenho que entregar esse trabalho no mês de outubro e o internato só acaba em meados de dezembro, ao menos para mim (têm colegas que vão até fevereiro) então, vou parando por aqui e espero que tudo ocorra conforme o planejado no restante do curso. Muito estranho não?, ter que entregar essa reflexão meses antes de acabar o internato, mas é a regra e vou cumpri-la da mesma forma que cumpri as demais, mesmo não concordando com muitas delas.

BIBLIOGRAFIA:

- 1 - COSTA,V.C.I. Aprendizagem baseada em problemas (PBL). Revista Tavola Online, Ribeirão Preto, p. 522, mar.2011. Disponível em: <http://files.profernanda.webnode.com/200000204-02efb03ea9/aprendizagem-baseada-em-problemas-pbl.pdf>. Acesso em 17 set. de 2020.
- 2 - Brasil. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. Resolução Nº. 3 de 20 de junho de 2014. Institui diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em Medicina e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 23 jun. 2014; Seção 1, p. 8-11.
- 3 - Projeto Político e Pedagógico. Curso de Medicina UFSCar - CCBS. Disponível em: <http://www.dmed.ufscar.br/arquivos/projeto-pedagogico-2007>. Acesso em 01 out. de 2020.